

CM ESTARREJA 11/13



ESTARREJA

16.17 MAIO 2013 - CINE TEATRO

II CONGRESSO DE PSICOLOGIA PELOS TRILHOS DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

COM A PRESENÇA DO
BASTONÁRIO DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS



* INFO WWW.CM-ESTARREJA.PT

OS TRÊS C'S DA ANSIEDADE SOCIAL

CONHECER
COMPREENDER
COMBATER

Paula Vagos

paulavagos@ua.pt

universidade de aveiro  de departamento de educação

Faculdade de Psicologia e
de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Conhecer...

Apresentar um trabalho para a turma era um pesadelo.

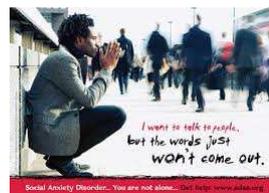


Why can't I talk on the phone like everyone else?

It looks so simple, but I can't do it.

Social Anxiety Disorder... You are not alone... Get help: www.sadac.org

Quando alguém me dirigia a palavra, ficava sem reação, vermelha que nem um tomate, a suar imenso e com a boca seca



Não participei nas praxes, não ia aos jantares de curso, não queria fazer trabalhos de grupo, não tinha amigos, não namorava. Vivia num mundo só meu ao qual já estava habituada e onde me sentia confortável.

Depois de imensos convites recusados para jantar com os restantes membros da casa na cozinha, decidi que tinha que mudar de atitude, enchi-me de coragem e lá fui. Só que não consegui estar mais que dez minutos. Corri para o meu quarto e chorei a noite inteira.

Conhecer...

- Ansiedade social
 - ▣ Emoção humana adaptativa
 - ▣ Experiencia normativa de desenvolvimento
 - Fatores etiológicos intrínsecos e extrínsecos
 - ▣ Variação num contínuo



Conhecer...

- Perturbação de ansiedade social
 - ▣ Medo acentuado ou persistente de uma ou mais situações sociais e desempenho, nas quais o sujeito está exposto a outros (e) teme vir a comportar-se (ou mostrar sinais de ansiedade) de modo ridículo ou embaraçador.
 - ▣ O evitamento, antecipação ansiosa ou mal-estar (...) interferem significativamente com as rotinas normais da pessoa, funcionamento ocupacional, (...) actividades sociais ou existe mal estar acentuado por ter a fobia.

Conhecer... A Rita, 16 anos

Motivo do pedido: diminuição de rendimento escolar no último ano lectivo

História do pedido

- Mudança de escola no último ano lectivo – A única amiga de Rita ia mudar para esta escola e Rita acompanhou-a, para não ficar sozinha. Estudam bibliotecnomia, apesar de Rita afirmar que preferiria ter estudado desporto, mas não se sente capaz de enfrentar o olhar dos outros quando o pratica
- Dificuldades de adaptação social e académica - Rita diz que os professores a obrigam a fazer trabalhos de grupo e apresentações, o que a **desconfortável, com taquicardia, suores frios e sentimento de estar a corar e a gaguejar**, interferindo com o seu desempenho.

Informação anterior relevante

- Vive sozinha com a mãe, com quem tem relação muito próxima e de quem se assume dependente
- Sempre foi muito tímida, e **tem medo de ser julgada com aspereza e de se sentir ridícula ou embaraçada nas situações sociais.**
- **Rita nunca teve um namorado e raramente participa em festas da escola ou conversa com colegas do sexo oposto.**
- **Tem apenas uma amiga íntima que conhece desde a escola primária, e que ela diz ser muito parecida consigo.**

Conhecer...

□ Formas e fases de avaliação

□ Entrevista de anamnese

■ ADIS-IV

■ Relações interpessoais

Tem dificuldades em fazer amigos

Não pratica actividades de grupo

■ Fobia social

Em locais públicos, teme comportar-se de forma embaraçosa

Ansiedade (≥ 8) e evitamento de responder a questões na aula, apresentar trabalhos ou ler em voz alta, ter aulas de ginástica, falar com pessoas desconhecidas, participar em festas ou outras actividades extra-curriculares

■ Diagnóstico diferencial

Depressão? Ansiedade generalizada?

Conhecer...

□ Formas e fases de avaliação

□ Instrumentos standardizados

- Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes

Desempenho em situações formais
 Interação em situações sociais novas
 Interação com o sexo oposto

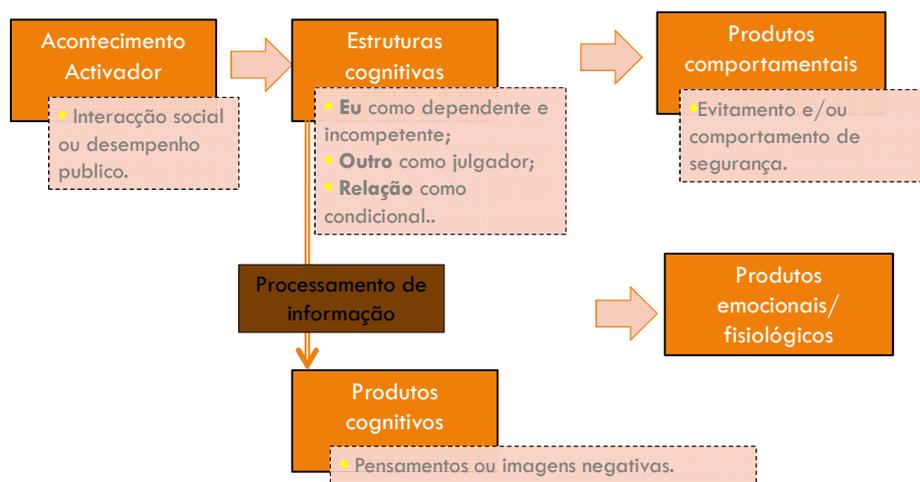
- Escala de Medo de Avaliação

Medo de avaliação negativa

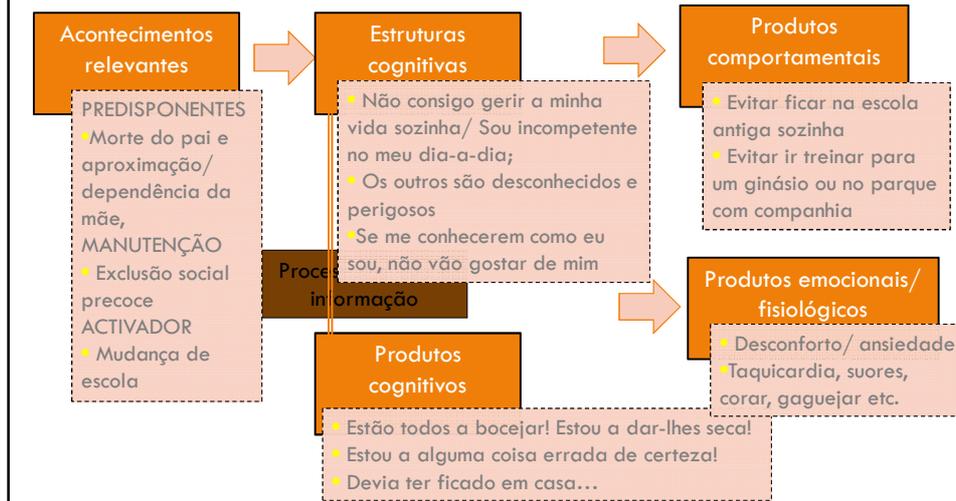
□ Observação

- Observação informal (comportamento verbal e não verbal)
- Role-play

Compreender



Compreender... A Rita



Combater...

- Componentes e fases de intervenção
 - ▣ Relação terapêutica
 - ▣ Psicoeducação
 - O que é a perturbação, como se explica/ mantém, quais os objetivos da intervenção, quais as estratégias propostas para os atingir
 - ▣ Reestruturação cognitiva
 - Identificação, avaliação e disputa de pensamentos e imagens automáticas negativos
 - ▣ Exposição comportamental (com relaxamento)
 - Gradual e planeada (com inibição recíproca)
 - ▣ Treino de competências sociais
 - Instrução, modelagem, autoinstrução e role-play com feedback corretivo

Combater... na Rita

- Componentes e fases de intervenção
 - ▣ Psicoeducação
 - Experiências de vulnerabilidade e manutenção,
 - Dificuldades e competências
 - ▣ Reestruturação cognitiva
 - Existem outros motivos para as pessoas rirem, sem ser rirem de si?
 - Com que frequência faz/ fez coisas erradas (nas apresentações orais)?
 - Pensamentos alternativos realista
 - Podem estar a bocejar porque se deitaram tarde a fazer o trabalho
 - Existe uma probabilidade reduzida de fazer coisas erradas

Combater... na Rita

- Componentes e fases de intervenção
 - ▣ Exposição comportamental (com relaxamento)
 - Situações de interação
 - (1) Sorrir a colegas da escola; (2) Telefonar a colega da escola; (3) Contar uma coisa que lhe aconteceu a um colega da escola; (4) Apresentar-se a colega desconhecido
 - Situações de desempenho
 - (1) apresentar a introdução do trabalho; (2) apresentar a introdução e desenvolvimento; (3) apresentar introdução, desenvolvimento e conclusão
 - (respiração diafragmática)
 - ▣ Treino de competências sociais
 - Olhar nos olhos, voz audível, falar sobre assuntos em comum

Combater... de forma estandardizada

□ Intervenção baseada em evidências

□ Programas internacionais

■ **Intervención en Adolescentes com Fobia Social Generalizada**

- **População-alvo:** Adolescentes dos 14 aos 18 anos com fobia social generalizada
- **Objetivo:** Intervenção precoce
- **Componentes de intervenção:** Psico-educação, ensino de competências sociais, exposição comportamental com auxílio de pares e reestruturação cognitiva
- **Evidência:** Melhoria generalizada (ansiedade e prática comportamental), auto-relatada, face a grupo de controlo passivo, e mantida até 1 ano



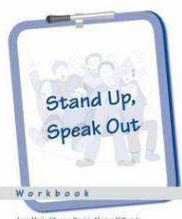
Combater... de forma estandardizada

□ Intervenção baseada em evidências

□ Programas internacionais

■ **Cognitive-behavioral therapy for social phobia in Adolescents (Stand up; Speak out)**

- **População-alvo:** Adolescentes dos 13 aos 17 anos com ansiedade social
- **Objetivo:** compreender e gerir a ansiedade e minimizar evitamento social
- **Componentes de intervenção:** gestão de sintomas cognitivos e afetivos de ansiedade, exposição comportamental simulada e real
- **Evidência:** melhoria na gestão de sintomas cognitivos e afetivos de ansiedade social, auto e hetero-relatada, e mantida até 1 ano



Combater... de forma estandardizada

□ Intervenção baseada em evidências

□ Programas internacionais

■ Skills for Academic and Social Success

- População-alvo: adolescentes com fobia social, em contexto escolar e com activação de grupos de suporte social
- Objetivo: diminuição de sintomas e remissão de diagnóstico
- Componentes de intervenção: psico-educação, pensamento realista, treino de competências sociais, exposição comportamental e encontro de pares
- Evidência: melhoria generalizada (sintomas e funcionamento interpessoal), auto- e hetero-relatada, face a grupos de controlo passivo e ativo, mantida até 9 meses

Combater... de forma estandardizada

□ Intervenção baseada em evidências

□ Programas nacionais

■ Aptidões para o Sucesso Académico e Social

- População-alvo: adolescentes com *ansiedade social e défice de competências sociais*, em contexto escolar e com activação de grupos de suporte social
- Objetivo: diminuir a probabilidade de surgimento de perturbação clínica; aumentar o bem-estar e sucesso social
- Componentes de intervenção: psico-educação, pensamento realista, treino de competências assertivas, e exposição comportamental, encontros de pares
- Evidência: diminuição de níveis de ansiedade social e de evitamento e aumento da prática de comportamentos assertivos, auto e hetero-relatada e mantido a seis meses

Combater... de forma estandardizada

□ Intervenção baseada em evidências

□ Programas nacionais

■ Ser Eu Próprio Entre Os Outros

- População-alvo: adolescentes com fobia social generalizada
- Objetivo: diminuição de sintomas e remissão de diagnóstico
- Componentes de intervenção: psico-educação, exposição comportamental como teste empíricos e exposição comportamental controlada
- Evidência: melhoria generalizada (sintomas, interferência e funcionamento social), auto-relatada, mantida até 3 meses



Os três C's da Ansiedade Social

□ Ansiedade social já não uma dificuldade sub-reconhecida em psicologia, e em Portugal

- Instrumentos de avaliação construídos e validados para a população portuguesa
- Evidências da aplicação do modelo cognitivo a ansiosos sociais português (adultos)
- Componentes de intervenção em ansiedade social bem definidas e validadas

FAILING
does not make you a
FAILURE

So...



Jump into the middle of things, get your hands dirty, fall flat on your face, and then reach for the stars

Desagravo dos Afetos



COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E
JOVENS DE AVEIRO

Psicólogos:
Carlos Amorim
Cristina Veríssimo
Maria Manuel Teixeira



Sumário

- 1 – Caracterização da CPCJ**
 - 1.1. O que é a CPCJ?
 - 1.2. Para que serve?
 - 1.3. Como é constituída?
 - 1.4. Estrutura piramidal da intervenção

- 2 – Caracterização da intervenção prática**
 - 2.1. Como funciona a CPCJ
 - 2.2. Dados estatísticos

- 3 – Casos Práticos**
 - 3.1. Caso 1 – “Maria”
 - 3.2. Caso 2 – “Pedro”



Comissão de Protecção de Crianças e Jovens...

...é uma instituição oficial não judiciária
com autonomia funcional.



COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS DE AVEIRO



COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS DE AVEIRO



Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Aveiro



A CPCJ visa:

- promover os Direitos da Criança e do Jovem;
- prevenir e pôr termo a situações suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.

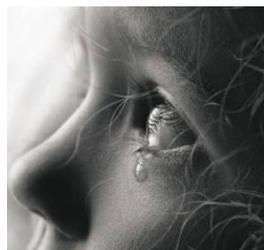


Lei 147/99, de 1 de Setembro



Criança/Jovem está em perigo quando...

(N.º2 do Art.º 3.º)



- Está abandonada ou vive entregue a si própria;
- Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- Não recebe os cuidados ou a afeição necessária;

Criança/Jovem está em perigo quando...

(N.º2 do Art.º 3.º)



- É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos, inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento.

Composição das CPCJ's

As CPCJ's funcionam em Modalidade **Alargada** ou **Restrita**

Comissão Alargada

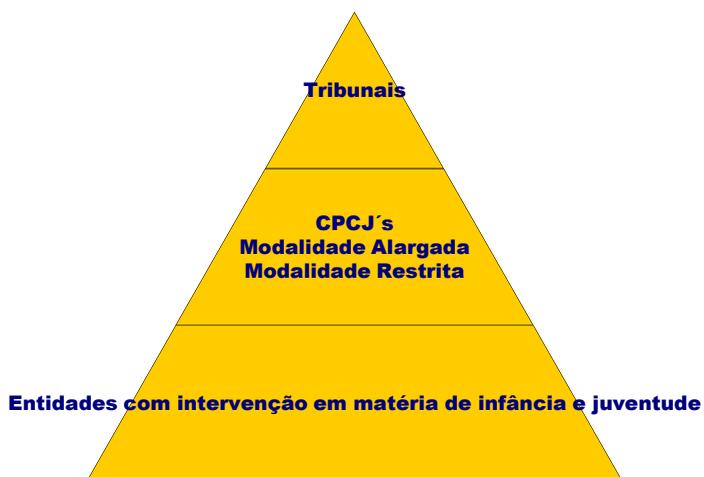
- **Composição:**
 - Município
 - Segurança Social
 - Educação
 - Saúde
 - IPSS's (com carácter não institucional e em regime de colocação institucional)
 - Associações de Pais
 - Associações Desportivas, Culturais ou Recreativas
 - Serviços de Juventude
 - Autoridades Policiais
 - Assembleia Municipal ou de Freguesia
 - Técnicos Cooptados
- **Frequência das reuniões:**
 - Reuniões com periodicidade 2/2 meses.
- **Formação dos Técnicos:**
 - Psicologia; Serviço Social; Educação; Direito; Saúde; Forças Policiais (PSP; GNR); Engenharia Informática; Educação de Infância.

Comissão Restrita

- **Composição:**
 - Um número ímpar, nunca inferior a cinco, dos membros que integram a Comissão Alargada.
- Nota:** O Presidente da CPCJ, os Representantes da Segurança Social e do Município ou das Freguesias são membros por inerência.
- **Formação dos Técnicos:**
 - Psicologia; Serviço Social; Educação; Direito; Saúde; Educação de Infância.



ESTRUTURA PIRAMIDAL DA INTERVENÇÃO



Entidades com intervenção em matéria de infância e juventude

- Estabelecimentos de Ensino;
- Estabelecimentos de Saúde;
- Comissões Locais de Acompanhamento de RSI;
- IPSS's;
- Autoridades Policiais;
- Segurança Social;
- Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais;
- Autarquias;
- Projetos;
- Etc...





As entidades com intervenção em matéria de infância e juventude...

- comunicam às CPCJ's as situações de perigo de que tenham conhecimento no exercício das suas funções, sempre que não possam, no âmbito exclusivo da sua competência, assegurar em tempo a protecção suficiente que as circunstâncias do caso exigem;



(N.º 1 do Art.º 65º)



As entidades com intervenção em matéria de infância e juventude...

- devem comunicar ao Ministério Público ou às entidades policiais, quando os factos que determinaram a situação de perigo constituam crime (ex: maus-tratos físicos, abuso sexual, etc.), sem prejuízo da comunicação anterior.



**Chega de
violência
contra a
criança!**

(Art.º 70º)

Intervenção Prática

1. Participação/Denúncia

- *Presencial (anonimato ou não)*



- *Telefónica (anonimato ou não)*



- *Escrita (carta; e-mail)*



ou





2. Entrevista



- Obtenção de Consentimento (*Pais, representante legal ou quem detenha a guarda de facto*)
- Não Oposição (*da criança ou jovem, com idade igual ou superior a 12 anos*)



3. Fase preliminar

(recolha de elementos caracterizadores da situação denunciada e do contexto sócio-familiar)

- **Entrevistas e atendimentos** às famílias, crianças e jovens;
- **Visitas domiciliárias** ao local onde reside a criança/jovem;
- **Reuniões com entidades e serviços:** Escolas, Conselhos Executivos, IPSS's, Autoridades Policiais, Segurança Social, IRS, entre outros.
- **Reuniões com Profissionais multidisciplinares:** Diretores de Turma, Professores de Ensino Especial, Técnicos, Professores, Psicólogos... para análise das situações;
- **Encaminhamento para Serviços** - Instituto de Medicina Legal; consultas de especialidades médicas; gabinetes de consulta psicológica; equipamentos de infância, etc.



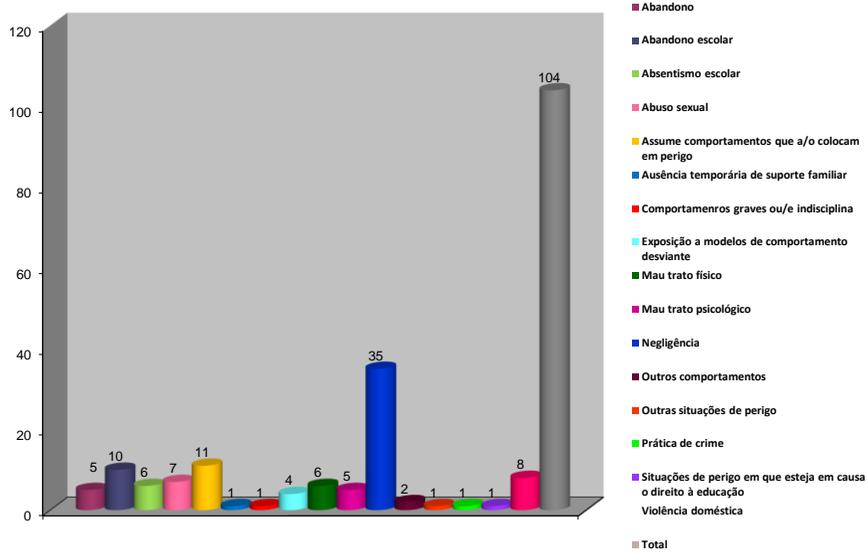
4. Medidas de Promoção e Protecção (Art.º 35º)

- a) Apoio Junto dos Pais (com entrega à mãe/pai) (Art.º 39º);**
- b) Apoio Junto de Outro Familiar (Art. 40º);**
- c) Confiança a Pessoa Idónea (Art.º 43º) ;**
- d) Apoio para Autonomia de Vida (Art.º 45º);**
- e) Acolhimento Familiar (Art.º 46º);**
- f) Acolhimento em Instituição (Art.º 49º);**
- g) Confiança a pessoa seleccionada para a adoção ou a instituição com vista a futura adoção (Art.º 38 –A).**

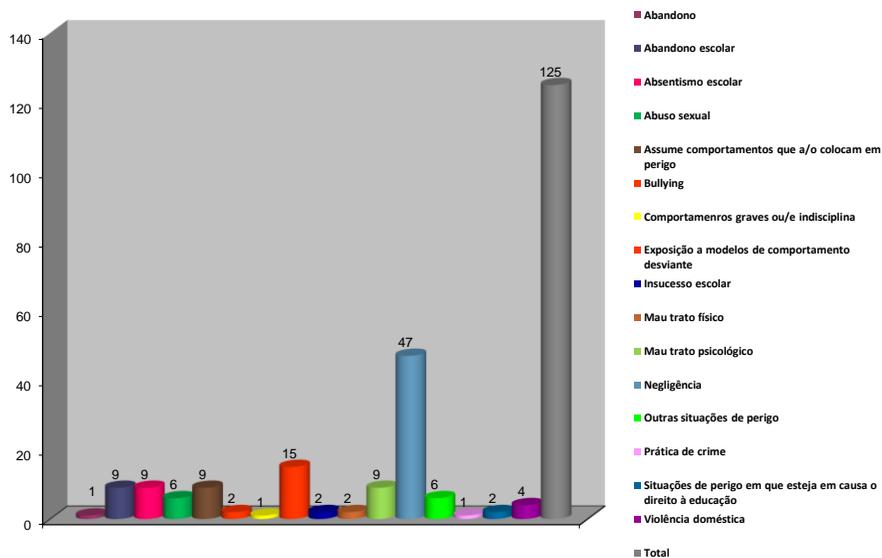




Problemáticas sinalizadas



Problemáticas diagnosticadas



Caso Prático 1

CASO 1: “Maria”

■ **Identificação da Jovem:**

- A Maria, de 13 anos, é a mais velha de uma fratria de três, tendo os irmãos mais novos 7 e 9 anos.
- Os progenitores estão ambos desempregados e o sustento do agregado familiar é suportado pelo RSI dos progenitores e pelo abono das crianças.

■ **Sinalização à CPCJ:**

- A Maria foi sinalizada à CPCJ pelo SEF, por se encontrar a viver com a família num espaço devoluto, em condições sobrehumanas;
- O HIP informa a CPCJ que a Maria deu entrada no SU por se ter sentido mal; foi avaliada e diagnosticaram-lhe uma gravidez em estado avançado de gestação (3,5 meses);
- A oposição/comportamento do progenitor face à avaliação clínica da jovem fez suspeitar que a Maria tinha sido abusada sexualmente, pelo que foi conduzida de imediato ao IML;
- Resultado do IML: suspeita de abuso sexual por parte do Pai.



CASO 1: Problemáticas

Problemática 1 (P1)

Suspeita de “abuso sexual” da jovem Maria.



Problemática 2 (P2)

Suspeita de “negligência grave” às duas crianças mais novas, por parte dos progenitores.



O que fazer?...





CASO 1: “Maria”

Problemática 1: “Suspeita de abuso sexual” da jovem Maria.

Intervenção da CPCJ (P1 – “Suspeita de Abuso sexual”):

- Deslocação de dois Técnicos da CPCJ ao HIP, para recolha de “Consentimento” (Pais) e “Não Oposição” (jovem maior de 12 anos);
- Progenitores conduzidos à PJ para prestar declarações;
- Reunião extraordinária, com deliberação da medida “Acolhimento Institucional”, devido ao perigo iminente de fuga do agregado;
- Deslocação dos Técnicos à PJ para comunicar aos pais a decisão da medida aplicada;
- Oposição dos pais à medida;
- Aplicação do art.º 91.



Artº. 91: Procedimentos de Urgência (...)

(...) n.º 1 - Quando exista **perigo atual ou iminente** para a vida ou integridade física da criança/jovem **e haja oposição** dos detentores do poder paternal ou de quem tenha a guarda de facto, as CPCJ’s tomam as medidas adequadas para a sua protecção imediata e **solicitam a intervenção do Tribunal ou das entidades policiais**.



(...) n.º 2 - As **entidades policiais dão conhecimento de imediato ao M.P. (D.I.A.P.)**



(...) n.º 3 - Enquanto não for possível a intervenção do tribunal, as **autoridades policiais retiram a criança ou o jovem do perigo em que se encontra** e asseguram a sua protecção de emergência em casa de acolhimento temporário, ou em outro local adequado.

CASO 1: Abuso Sexual / Negligência Grave

- **Problemática 2:** Suspeita de “negligência grave” às duas crianças mais novas, por parte dos progenitores.

Intervenção da CPCJ (P2 – “Negligência Grave”)

- Entrevista de recolha de dados + Obtenção de consentimento
- Obtenção de consentimento do Pai no E.P. Aveiro (pai detido preventivamente);
- Visita domiciliária (1ª)
- Articulação com a Técnica de Serviço Social da área de residência (recolha/partilha de informações);
- Articulação com a Escola (recolha/partilha de informações);
- Reunião de Comissários – deliberação de medida a aplicar (“Apoio junto dos Pais”, na pessoa da mãe)
- Acompanhamento/supervisão da medida aplicada;
- Incumprimento da medida aplicada;
- Remessa para TFMA.

Caso Prático 2



CASO 2: “Pedro”

Identificação do jovem:

- Pedro tem 11 anos e vive com os pais e duas irmãs mais velhas.
- Frequenta o 5º ano de escolaridade.



Caracterização escolar:

- Pedro é um rapaz calado e introvertido, mas com bom relacionamento com os seus colegas de turma.

Caracterização da situação:

- Na aula de Português, o Pedro apresentava um aspeto pálido. A profª. procurou saber o motivo, ao que Pedro nada respondeu.
- O aluno mostrava sinais de ansiedade: não tinha posição na cadeira e agitava-se muito; pediu para ir à casa de banho.
- Durante a ausência do Pedro, os colegas contaram à profª. que o Pedro não conseguiu terminar a aula de E.F. por estar indisposto; no balneário aperceberam-se que o Pedro tinha um braço arranhado e nódoas negras nas costas, zona lombar e pernas.
- Após ter sido questionado pelos colegas, o Pedro disse que o pai se zangou com ele no fim-de-semana e lhe deu uma sova de cinto, o que já tinha ameaçado fazer. A conversa foi interrompida com o regresso de Pedro da casa de banho...





Proposta de Atuação/Intervenção

a) Intervenção imediata na Escola

- **Comunicar** a situação detetada à Direção da Escola;
- **Definir uma estratégia de atuação**: diligências devem ser realizadas, preferencialmente, por um adulto da confiança da criança/jovem;
- **Efetuar a Audição da criança/jovem**: salvaguardar condições que garantam privacidade, em local acolhedor e seguro.
- **Evitar repetições** desnecessárias.
- **Elaborar participação** para enviar ao Ministério Público.



(...)



a) Intervenção imediata na Escola (...)

Aspetos a ter em conta na audição à Criança/Jovem

- O que aconteceu: quando, onde e como?
- Quem foi o responsável pela agressão?
- Quem se encontrava presente no momento da agressão?
- Quem teve conhecimento do sucedido?
- Recebeu algum tratamento médico devido à agressão?
- Naquele momento, a criança tem dores ou sente mal estar?





b) Intervenção/articulação com o Serviço de Saúde



■ Acompanhar e garantir o transporte do aluno ao Hospital:

- acompanhado por alguém da sua confiança e sensível à problemática em questão;
- não deverá ficar sozinho ou, sendo estritamente necessário, tal deverá cingir-se ao menor espaço de tempo possível;
- deve ser preferencialmente acompanhada por quem esteve presente no momento da audição.



■ Paralelamente (ao transporte da criança ao Hospital):

- informar o E.E. desta diligência e solicitar a sua comparência no local.



c) Formalização de denúncia junto das Autoridades competentes

■ Encetar contacto com os agentes da Escola segura:

- Dar conhecimento da suspeita da prática do crime de mau trato físico;
- solicitar a sua comparência na Escola e ou em casos mais urgentes (menos tempo disponível) no Hospital, para elaboração do Auto de Ocorrência.





No Hospital, assegurar...



- O Médico que examinar o Pedro deverá ser informado, logo na chegada, da suspeita da prática do crime de mau trato físico;
- Solicitar a presença de um Técnico do Serviço Social, dando-lhe conta da situação em causa e facultando os dados do E.E. da criança, caso este ainda não esteja presente no Hospital, bem como outras informações solicitadas e referentes à criança e ao agregado;
- Caso o Agente de Autoridade Policial presente no Hospital não tenha tido acesso prévio à informação que legitimou o pedido de intervenção, o acompanhante deverá inteirá-lo da ocorrência;

Nota: o Hospital dispõe de um Núcleo de Apoio à Criança e Jovem em Risco, o qual deve efetuar um papel de consultoria aos intervenientes no Serviço de Urgência.

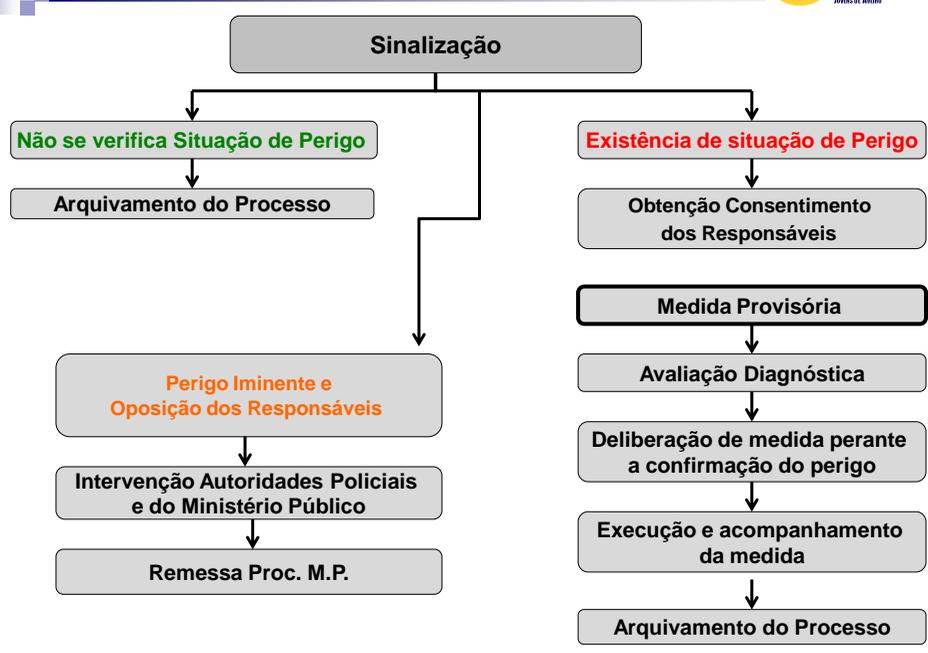


Aspetos a reter...

- Assegurar ao Pedro que **a Escola fará tudo o que estiver ao seu alcance** para que tal situação não volte a ocorrer; Contudo, **não se deve prometer/garantir** que o sucedido não voltará a acontecer .
- **Prestar ao responsável pela criança todas as informações solicitadas referentes às diligências efetuadas pela Escola**, sendo reafirmada a necessidade imediata de transporte da criança ao Hospital face ao seu estado de saúde e em conformidade com os procedimentos legais a que está obrigada.
- O contacto com a família pressupõe uma postura de **co-responsabilização por parte das ECMIJ's envolvidas** (Escola, PSP; Hospital) dando-lhe conhecimento, de modo consensual, de todas as diligências inerentes à intervenção (o que foi feito e o que vai acontecer).



Síntese Final





Contactos:

CPCJ de Aveiro
Paços do Concelho - Praça da República – Apartado 244
3810 – 156 Aveiro
Telefone: 234 400 206 Telemóvel: 96 2004183 Fax: 234 400558
E-mail: cpcjaveiro@cm-aveiro.pt

A criança que vive com afeição
aprende a amar

A criança que vive com estímulo
aprende a confiar

A criança que vive com a verdade
aprende a ser justa

A criança que vive com o elogio
aprende a dar valor

A criança que vive com
generosidade
aprende a repartir

A criança que vive com o saber
aprende a conhecer

A criança que vive com paciência
aprende a tolerância

A criança que vive com felicidade
conhecerá o amor e a beleza

(Ronald Russel)

Associados



Parceiros e Fornecedores - Parceiros



Resumo de atividade em 2012



Mediadores para o sucesso escolar



Escolas de futuro – boas práticas de gestão nas escola



Inserção profissional e emprego

Resumo de atividade em 2012



Mediadores para o sucesso escolar



Escolas de futuro – boas práticas de gestão nas escola



Inserção profissional e emprego

3

Mediadores para o sucesso escolar

Metodologia única em Portugal de capacitação das competências não cognitivas de jovens em risco, com vista ao seu sucesso escolar, numa abordagem de mediação 360°, fora da “sala de aula”, que inclui família, professores e envolvente:

- 1. Ser organizado, responsável e trabalhador*
- 2. Ser aberto a experiências novas*
- 3. Ser sociável*
- 4. Ser colaborativo*
- 5. Ter estabilidade emocional*

Exemplos:

Ter projeto de vida e ambição

Saber estar e comportar-se

Saber gerir o tempo e o estudo

Saber gerir a ansiedade

Descobrir as vocações profissionais



4

Mediadores para o sucesso escolar 2012/2013

Programa transversal dos 6 aos 24 anos

3.º CICLO

Desde 2007

Piloto 2007-10

Em 10 concelhos



5

Mediadores para o sucesso escolar 2012/2013

Programa transversal dos 6 aos 24 anos

2.º CICLO

3.º CICLO

Desde 2010

Desde 2007

Piloto 2010-12

Piloto 2007-10

Paredes

Em 10 concelhos

Piloto Abandono Zero, 2010-12

Sesimbra



6

Mediadores para o sucesso escolar 2012/2013

Programa transversal dos 6 aos 24 anos

2.º CICLO	3.º CICLO	SECUNDÁRIO	JOVENS ADULTOS
Desde 2010	Desde 2007	Desde 2012	Desde 2012
Piloto 2010-12 Paredes	Piloto 2007-10 Em 10 concelhos	Pilotos 2012/13 RESLEA: Eslovénia, Hungria, Portugal, Reino Unido IEFP: Seixal e Setúbal	Piloto 2012/13 IEFP Seixal IEFP Setúbal
Piloto Abandono Zero, 2010-12 Sesimbra			
		 	

7

Mediadores para o sucesso escolar 2012/2013

Programa transversal dos 6 aos 24 anos

1.º CICLO	2.º CICLO	3.º CICLO	SECUNDÁRIO	JOVENS ADULTOS
Desde 2012	Desde 2010	Desde 2007	Desde 2012	Desde 2012
Piloto 2012-15 "Começar bem" Pampilhosa da Serra	Piloto 2010-12 Paredes Piloto Abandono Zero, 2010-12 Sesimbra	Piloto 2007-10 Em 10 concelhos	Pilotos 2012/13 RESLEA: Eslovénia, Hungria, Portugal, Reino Unido IEFP: Seixal e Setúbal	Piloto 2012/13 IEFP Seixal IEFP Setúbal
			 	

8

Presença no terreno 2012/2013



Eslovênia
Hungria
Reino Unido



epis
EMPRESÁRIOS
PELA INCLUSÃO SOCIAL

16 concelhos
56 escolas
2 Centros IEFP
3 escolas europeias

75 mediadores
46 formadores IEFP

3.729 alunos
• 3.168 3.º Ciclo
• 339 2.º Ciclo
• 96 1.º Ciclo
• 102 IEFP
• 24 RESLEA

9

Programas de referência no combate ao insucesso/abandono escolar



PROGRAMA ESCOLHAS

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural
Presidência do Conselho de Ministros



TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA - TEIP

Direção-Geral da Educação
Ministério da Educação e Ciência



PROGRAMA MAIS SUCESSO ESCOLAR - Turma Mais e Fénix

Direção-Geral da Educação
Ministério da Educação e Ciência



MEDIADORES PARA O SUCESSO ESCOLAR

Empresários Pela Inclusão Social

10

Divulgação/validação internacional



RESLEA-Reducing early school leaving, 2012-2013

Projeto europeu com U. Católica
Metodologia "Mediadores EPIS" selecionada como boa prática
para piloto em escolas da Eslovénia, Hungria e Reino Unido



EU HIGH LEVEL GROUP Report, Setembro 2012

EPIS incluída neste relatório com boa prática de envolvimento da
sociedade civil e empresas na promoção da inclusão social dos
jovens, em parceria com entidades públicas e governamentais



PEER REVIEW ON POLICIES TO REDUCE EARLY SCHOOL
LEAVING, Março 2013

Por convite da Direção-Geral da Educação (DGE), a EPIS passou a
fazer parte deste fórum, no grupo das boas práticas das iniciativas
da sociedade civil para a Educação

11

Destaques nesta Assembleia-Geral

**Resultados do PILOTO "Mediadores para o
sucesso escolar – 2.º Ciclo", 2010-12**

**VOCAÇÕES DE FUTURO – voluntariado
empresarial de compromisso:**



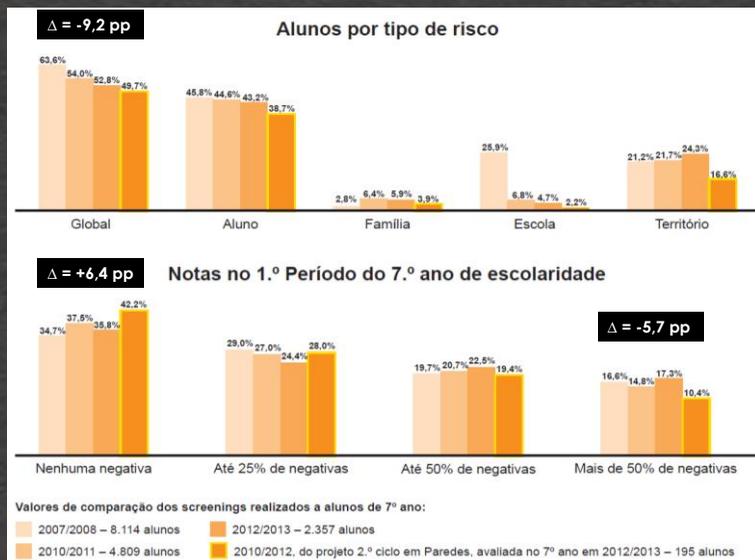
Banco de Portugal
EUROSISTEMA



YDREAMS

12

Mediadores no 2.º Ciclo: redução do risco de insucesso no 3.º Ciclo (pág. 17)



13

Vocações de Futuro (pág. 14)

“Vocações + Matemática”
Banco de Portugal +
EB23 Cardoso Lopes (Amadora)



Banco de Portugal: Dr.^a Ana Garcia, Dep. Recursos Humanos
 Aluna: Eurizanda Cruz, 9.º Ano, EB23 Cardoso Lopes

“Realizar ideias”
Ydreams +
EB23 Michel Giacometti (Sesimbra)



Prof. António Câmara, CEO YDreams

14

Resumo de atividade em 2012



Mediadores para o sucesso escolar



Escolas de futuro – boas práticas de gestão nas escola



Inserção profissional e emprego

15

Escolas de Futuro 2012 Boas práticas de gestão nas escolas

Formação e treino de 110 Diretores de Escolas (Rumo ao Futuro):

- Plano de gestão por objetivos e resultados
- Curso “balanced score card” com UCP

Visitas a empresas e master-classes com líderes das empresas Associadas e Parceiras da EPIS (Siga o Mestre)

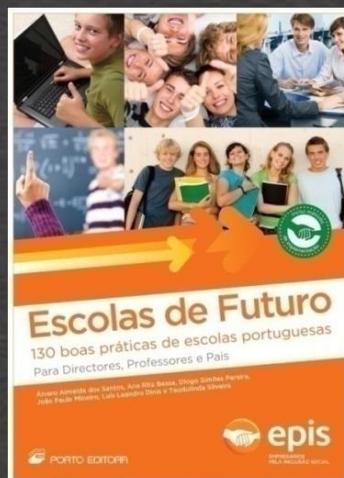
Emparelhamento escola-empresa em parceria com Associados EPIS (Tango)

Conferências EPIS – Escolas de Futuro

Bolsas Sociais EPIS – Escolas de Futuro

Estudos EPIS (Ex: Atlas da Educação, Cesnova)

Dicas EPIS – Conselhos familiares



16

Destaque nesta Assembleia-Geral

TANGO



+

**AE da Abrigada
(Alenquer)**



AE da Abrigada: Dr. Rui Costa, Diretor de Escola
EDP: Eng.º Vítor Cordeiro, Diretor do Centro de Produção
da EDP no Carregado

17

Resumo de atividade em 2012



Mediadores para o sucesso escolar



*Escolas de futuro – boas práticas de
gestão nas escola*



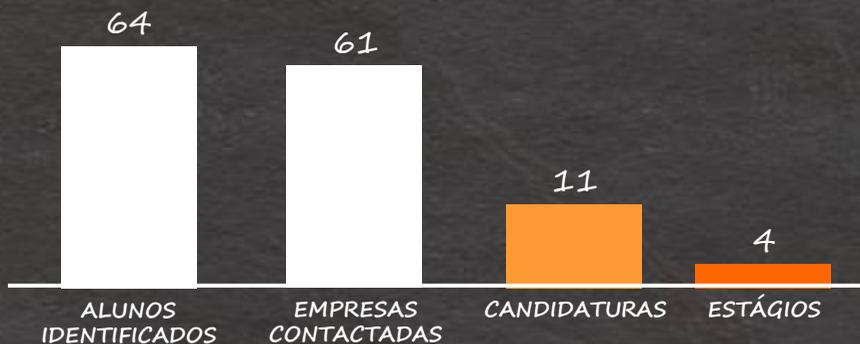
Inserção profissional e emprego

18

Estágios EPIS Fundo de Inserção Profissional

Novo

Fundo de inserção profissional para “jovens esquecidos”, que atingem os 18 anos sem qualificações e desejam trabalhar. 100 estágios, com um investimento de 250 m€



19

Estágios EPIS Fundo de Inserção Profissional

Pedro Ferreira – 19 anos

Fez parte do grupo inicial de jovens do piloto “Abandono Zero” em 2010

Frequentou o curso PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação entre 2011/2012

É o primeiro estagiário EPIS, nos Bombeiros Voluntários do Seixal, em “manutenção de extintores”, desde Janeiro de 2013



20

Testemunho Estágios EPIS

Mezack Judá Rodrigues Gonçalves, 20 anos

Foi acompanhado pela EPIS entre 2008/2009 e 2009/2010, ES D. João II (Setúbal)

Frequentou o Curso Profissional de Fotografia durante quase 2 anos, mas não pôde concluir, por necessidade de ajudar a família

Estágio: Fotografia/Edição de Imagem

Empresa: Setúbal TV (Televisão On-line)

As crianças e a perda da figura parental

por Fátima Albuquerque

Universidade de Aveiro e Espaço do Luto

diretora@espacodoluto.pt

O “**Espaço do Luto**” é uma associação dedicada ao apoio ao luto¹ a pessoas, famílias e comunidade e entre os casos a que presta aconselhamento encontram-se crianças e adolescentes em luto, por perda da figura parental.

A nossa intervenção fundamenta-se numa definição de luto como “uma reação a uma perda com significado profundo” (Rebelo², 2004), enquadrando não só emoções oriundas de uma experiência de morte, mas também qualquer situação de abandono (por separação conjugal, emigração ou mesmo encarceramento), assim como uma perda de expectativas de afeto (como por exemplo, quando nasce um filho deficiente), ou mesmo por um grave dano ao amor próprio (se se faz uma ablação de um seio, se se sofre a amputação de uma perna, etc). O luto dá-se como resposta a um sem número de situações que emocionalmente nos fazem sentir destroçados, em geral muito sós, desesperados e/ou revoltados.

A esta definição fundamental, acrescentamos diversos pressupostos: o primeiro que o luto, de cada vez que acontece, é uma experiência de duração ou intensidade variáveis; isto é, cada enlutado faz o seu luto de modo diferente mesmo comparando com os outros membros da sua família e mesmo cada indivíduo, ao longo da sua vida, completa lutos que se desenvolvem de um modo distinto, nunca nos sendo possível utilizar experiências passadas, para prever a evolução ou intensidade da dor sentida.

O segundo pressuposto a ter em atenção é que o luto das crianças e jovens é diferente do luto dos adultos. De entre os elementos diferenciáveis destacamos uma tendência para a recorrência cíclica, sempre que uma data, um aniversário, uma

¹ Para saber mais sobre a associação “Espaço do Luto” ver no site <http://espacodoluto.pt>.

² Todo o trabalho da associação se fundamenta nos ensaios do Prof. José Eduardo Rebelo sobre luto: “Desatar o nó do Luto”. Lisboa, Ed. Notícias, 2004; “Amor, luto e Solidão”. Lisboa, Casa das Letras, 2009; “Defilhar – Como viver a perda de um filho”. Lisboa, Leya, 2013.

situação volta a acionar o sentimento agudo de falta; a menina que perde o pai aos 6 anos, terá tendência para retomar esse sentimento de perda sempre que a vida a puser na situação em que necessita da presença efetiva do pai: por exemplo, quando procura modelos para definir a imagem do namorado, quando necessita de alguém que a leve ao altar no dia do seu casamento, quando procura o pai ideal para os seus filhos, etc

O terceiro pressuposto, este oriundo da nossa experiência de acompanhamento de crianças e jovens em luto, mostra-nos que as crianças e adolescentes não têm capacidade de auto-sinalizarem o seu estado de luto, devendo as manifestações respectivas serem identificadas por um adulto próximo do jovem, ou um familiar ou um professor que sinta que a criança ou o adolescente apresenta sintomas, quer cognitivos, quer emocionais, quer comportamentais que revelam uma perturbação profunda compatível com um estado de luto.

Foi nosso objetivo nesta curta comunicação partilhar alguns resultados obtidos através do projeto de intervenção desenvolvido pelo “Espaço do Luto” em escolas do distrito de Aveiro, chamado “Eu consigo nas perdas e nos afetos”. Este projeto tem como finalidade integrar melhor no sistema escolar, crianças e jovens enlutados que sofreram perdas de origem múltipla, ajudando-os a gerir a dor das perdas e a superar o luto. O luto desses jovens, apesar de não ser da responsabilidade da escola, terá de ser resolvido em meio escolar, já que no sistema educativo português as crianças passam um número de horas considerável com os colegas, com os professores, com os diretores de turma e os tutores e diretores da escola, o que na maioria das vezes transfere a responsabilidade da resolução deste grave problema da família para o sistema escolar.

Aceitando esta inevitabilidade, desenvolvemos então um projeto de apoio a alunos em luto, utilizando a sala de aula como o ambiente privilegiado para a partilha e a aprendizagem de emoções, pedindo a professores devidamente preparados sobre a temática para introduzirem o tópico da perda e dos lutos num diálogo em sala de aula. Os professores/tutores da atividade tinham uma formação sobre luto de 25 horas e eram provenientes de diversas áreas científicas de formação: português, línguas estrangeiras, ciências da natureza, etc. Também tinham habilitações profissionais

diversas, indo de educação de infância, a 1º ciclo, 2º ou 3º ciclos ou mesmo secundário.

O objetivo da intervenção do professor era trabalhar perda e luto com uma turma onde houvesse pelo menos um aluno em luto, incentivando os colegas a ajudar os jovens enlutados, permitindo-lhes a expressão dos seus sentimentos, partilhando reflexões e opinando. Para tal iriam debater em conjunto perda, luto e morte, em teoria e depois de um modo prático. Nesta última vertente, deixámos aos professores a liberdade de procurarem a estratégia que achassem mais adequada ao perfil da sua turma: ou usando textos, ou filmes, ou notícias de jornal, etc. Também foi deixado à consideração do docente o tempo ideal concedido à experiência: um dia, uma semana, uma tarde, ou módulos curtos e recorrentes.

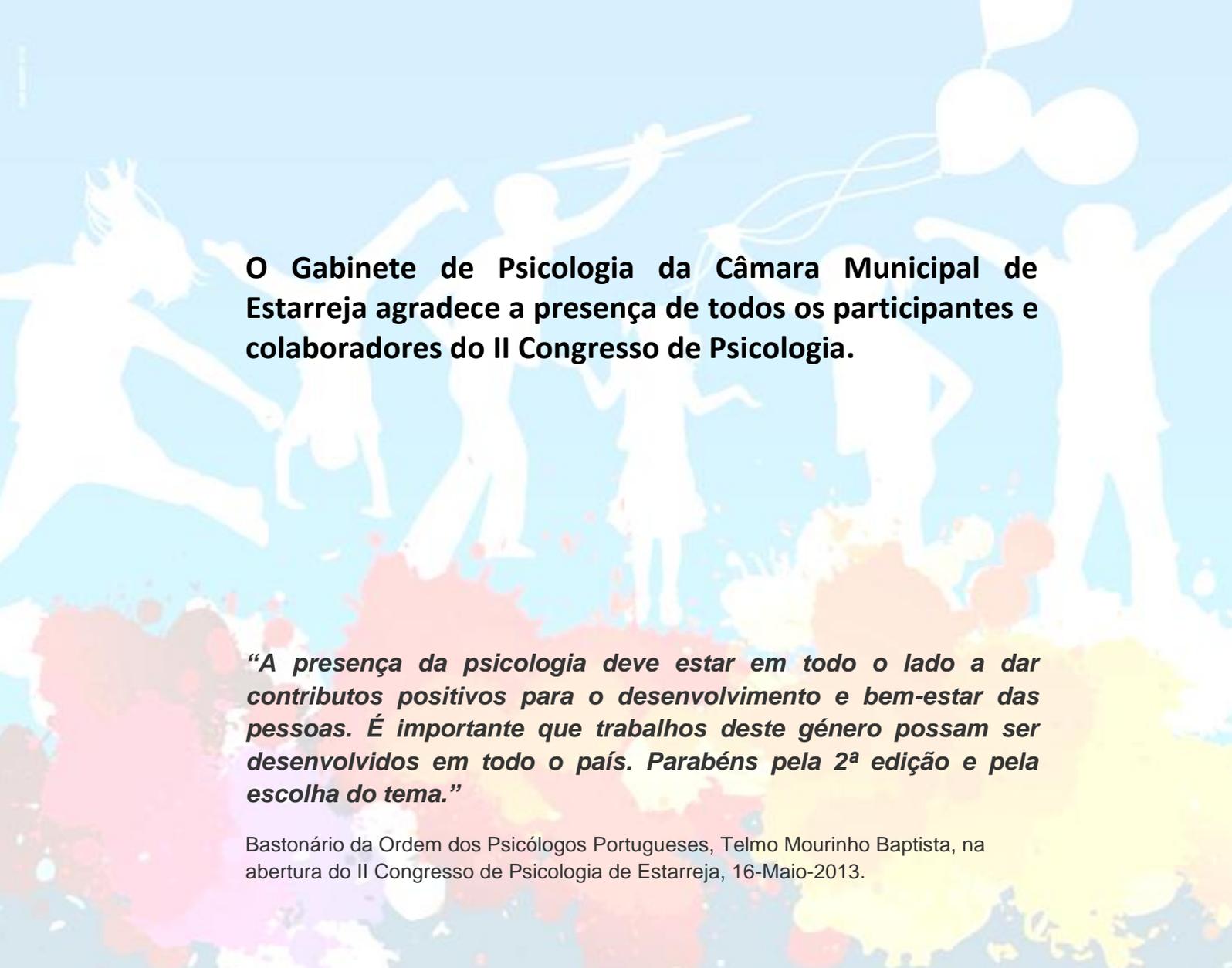
Os depoimentos dos alunos, permitem-nos agora apresentar os resultados encontrados sobre a perda da figura parental, numa dupla vertente de separação conjugal ou morte:

1. De um modo geral, os alunos de todos os níveis de ensino parecem saber que a morte é irreversível, que sempre tem uma causa, que atinge todos igualmente;
2. Que a perda causa sempre uma grande tristeza e muito sofrimento e que para o diminuir as crianças e adolescentes podem/devem recorrer a uma figura de substituição: avô, tio, irmão, etc.
3. Na infância, no 1º ciclo ou mesmo no 2º ciclo, os rituais de morte são encarados com fascínio, como uma forma de aprendizagem e os jovens gostam de trocar impressões sobre esse tópico;
4. Que existe um ciclo natural da vida a que todos estamos sujeitos: nasce-se, cresce-se, amadurece-se e morre-se. Que os mais velhos têm de morrer para dar lugar aos mais novos!
5. Que um divórcio não quer dizer que os pais abandonam os filhos; antes, que ocorreu um desencontro de um casal;
6. que à medida que os jovens vão crescendo, as perdas vão-se tornando mais complexas: assim, ao chegar ao 3º ciclo as perdas têm de ter um propósito, ou ensinar a valorizar a vida, ou corrigir erros de relacionamento conjugal.

Destes diálogos reflexivos, de troca de experiências, os jovens retiram diversas estratégias de superação do luto, seguindo-se as mais frequentes:

- a)- comer a comida preferida (todos);
- b)- ver bonecos animados, ir ao cinema, brincar com os amigos ou parentes, estar com pessoas que nos amam (pré e 1º ciclo);
- c)- procurar a ajuda de um adulto de referência, fazer-lhe confidências, escutá-lo, pedir-lhe opinião (pré, 1º e 2º ciclos);
- d)- dormir em casa de um amigo, fazer confidências aos melhores amigos e partilhar com eles segredos (2º e 3º ciclos);
- e) – viver apenas em função do grupo a que se pertence rejeitando o mundo dos pais. Confiar a amigos do peito as nossas dúvidas, tristezas, sofrimentos (3º ciclo).

Ao terminar esta primeira fase do projeto escolar “Eu consigo nas perdas e nos afetos” diversas conclusões se impõem, sendo as mais importantes: primeiro, que os professores participantes identificam os alunos em luto e sabem como conduzir diálogos em sala de aula que dão origem a momentos de solidariedade e de entreajuda coletivas; segundo, que os alunos incluídos nas turmas envolvidas sentem que estes momentos de interação geral potenciam um conforto e um apoio prestados às crianças e adolescentes enlutados presentes na sala de aula.



O Gabinete de Psicologia da Câmara Municipal de Estarreja agradece a presença de todos os participantes e colaboradores do II Congresso de Psicologia.

“A presença da psicologia deve estar em todo o lado a dar contributos positivos para o desenvolvimento e bem-estar das pessoas. É importante que trabalhos deste género possam ser desenvolvidos em todo o país. Parabéns pela 2ª edição e pela escolha do tema.”

Bastonário da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Telmo Mourinho Baptista, na abertura do II Congresso de Psicologia de Estarreja, 16-Maio-2013.

ESTARREJA

16.17 MAIO 2013 - CINE TEATRO

II CONGRESSO DE PSICOLOGIA

PELOS TRILHOS
DA INFÂNCIA
E DA ADOLESCÊNCIA

COM A PRESENÇA DO
BASTONÁRIO DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS